

## UM DIÁLOGO SOBRE O USO E O DESEMPENHO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ILUSTRADOS NO AMBIENTE ESCOLAR DE CRIANÇAS SURDAS EM UM ESTUDO DE CASO ENTRE SALVADOR - BRASIL E MADRID - ESPANHA

Tamires Maria Lima Gonçalves Santos<sup>1</sup>

Ana Mampaso Martinez<sup>2</sup>

Marisol Benito Rey<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho surge da necessidade de revisar e analisar materiais didáticos voltados para a comunidade surda. Reconhecendo que a linguagem é uma parte essencial da identidade do indivíduo e considerando a Língua de Sinais como a língua materna das pessoas surdas, este estudo documenta as práticas de pesquisa em duas escolas públicas localizadas em Salvador, Bahia e Madrid, Espanha. A metodologia se apoia nas obras de Minayo (1994) e Thompson (1998), que enfatizam a interação com os participantes da pesquisa e a utilização do método etnográfico. Após os períodos de observação e entrevistas com os professores, foram realizadas oficinas de ilustração e jogos com as crianças para identificar quais elementos visuais, gráficos e mistos eram mais atraentes no ensino e aprendizagem de línguas (Português/Língua Brasileira de Sinais, Espanhol/Língua de Sinais Espanhola), promovendo temas como Educação Artística, Aprendizagem Intercultural e Bilinguismo. Conclui-se que há uma necessidade de atualização dos materiais didáticos atuais e destaca-se a grande dedicação dos professores na adaptação e/ou criação desses materiais, revelando também um valioso potencial criativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua de sinais. Materiais Didáticos. Bilinguismo

### ABSTRACT

This work arises from the need to review and analyze educational materials aimed at the deaf community. Recognizing that language is an integral part of an individual's identity and considering Sign Language as the native language of deaf individuals, this study documents the periods of research practices in two public schools located in Salvador, Bahia, and Madrid, Spain. The methodology is based on the bibliographies of Minayo (1994) and

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação na Universidad Autónoma de Madrid. Professora do curso de Design na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. Departamento Expressão Gráfica e Tridimensional.  
E-mail: tamilima.santos@gmail.com

<sup>2</sup>Doctora en Ciencias de la Información, UCM (Universidad Complutense de Madrid). Professora de Pedagogía Universidad Autónoma de Madrid. Professora en la Facultad de Formación de Profesorado y Educación. Departamento: Educación Artística, Plástica y Visual E-mail: anamaria.mampaso@uam.es

<sup>3</sup>Doctora en Lingüística por la Universidad de Alcalá. Professora de Lingüística na Universidad Autónoma de Madrid. Profesora en la Facultad de Filosofía y Letras UAM. Departamento de Lingüística.  
E-mail: marisol.benito@uam.es

Thompson (1998), which emphasize interaction with the research subjects and the use of the ethnographic method. After periods of observation and interviews with teachers, illustration and game workshops were held with the children to identify which illustrated, graphic, and mixed elements were most attractive in language teaching and learning (Portuguese/Brazilian Sign Language, Spanish/Spanish Sign Language), promoting themes such as Artistic Education, Intercultural Learning, and Bilingualism. It is concluded that there is a need to update existing educational materials and the great dedication of teachers in adapting and/or creating these materials is appreciated, also revealing valuable creative potential.

**KEYWORDS:** Sign language. Teaching Materials. Bilingualism

### **Introdução**

A cultura é uma parte essencial da identidade e um direito universal que infelizmente não é sempre respeitado. Isso é especialmente verdade quando se trata da cultura surda e da identidade das pessoas com deficiência auditiva. Os surdos compreendem o mundo de acordo com sua cultura, necessitando frequentemente de adaptações para adequar o ambiente às suas percepções visuais, sendo um direito a acessibilidade. Assim, existe um conjunto de sinais desenvolvidos para o ensino e comunicação eficazes utilizados nas escolas. Portanto, o objetivo é investigar como nas escolas inclusivas ou bilíngues, os professores adaptam ou criam materiais didáticos específicos para disciplinas como matemática, línguas, ciências, entre outras. Essa necessidade surge porque os surdos enfrentam barreiras de comunicação para se integrarem à sociedade, e essas barreiras também estão presentes nos materiais didáticos, dificultando a inclusão nas escolas.

No contexto da Educação Artística e Aprendizagem Intercultural de Línguas, é importante analisar e comparar como o tema da língua de sinais é tratado em publicações internacionais sobre o ensino de pessoas surdas. Além disso, é crucial examinar os materiais didáticos produzidos e utilizados pela comunidade surda em nível internacional. Portanto, é essencial avaliar a relevância do tema da Educação de crianças surdas nas escolas e analisar os avanços nos materiais didáticos infantis.

Considerando que a língua de sinais é a língua materna dos surdos, torna-se a sua ferramenta de comunicação mais importante. Muitos dos sinais das diferentes línguas de sinais parecem desenhos efêmeros quando assinados, podendo ser registrados graficamente em materiais didáticos. Eles também são Arte e podem ser representados em materiais didáticos como ilustrações. Por exemplo, na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e na LSE (Língua de Sinais Espanhola), ao fazer o sinal de árvore, levantando o braço como tronco e a mão como galhos, é possível imaginá-lo graficamente como um desenho em uma folha de

papel. Portanto, é viável vincular arte e materiais didáticos, unindo educação com experiências artísticas visuais.

Entre os aspectos culturais da cultura surda, a língua é o primeiro e mais marcante expoente. Como a ferramenta de comunicação mais natural entre os surdos, há muitos debates sobre suas origens, difusão global, surgimento de aspectos locais e regionais, além de um histórico de rejeição e resistência que mantém constante o debate sobre a vida escolar e a influência no futuro das meninas e meninos surdos. Para os surdos, a língua de sinais é considerada sua língua nativa, enquanto as línguas orais são formas de se adaptar ao mundo ouvinte. Na língua de sinais, os surdos podem se expressar plenamente e ser compreendidos pela comunidade surda sem a necessidade de traduções e interpretações. Segundo as autoras Fernandes e Moreira (2014, p. 4), trata-se de uma língua que sofreu diversas opressões após ser quase dizimada, submergiu pois "Diante desse cenário que amordaçou a língua de sinais por um século, a comunidade surda vê-se representada na essência da estratégia política do movimento multiculturalista nos anos 1990".

Nesse período nasceu os primeiros movimentos surdos e seguindo o fluxo de outros movimentos que valorizavam a diferença presentes nas identidades individuais, foi iniciado também a luta pelo reconhecimento da Libras como uma língua e a necessidade de educação inclusiva e bilíngue que de verdade respeitasse a identidade da criança surda. Considerando que as crianças são como “esponjas” prontas para absorver conhecimento e depois decodificá-lo em seu contexto, é compreensível que tanto crianças surdas quanto ouvintes tentem repetir gestos para satisfazer suas necessidades básicas de comunicação, mas é necessário valorizar a importância de considerar a língua de sinais como a língua materna de uma criança surda, para depois ensinar outras línguas. Portanto, é essencial ir além da comunicação sinalizada e garantir o direito ao aprendizado da língua de sinais na infância.

O que à primeira vista podem parecer gestos abstratos são, na verdade, decodificados em signos estruturados dentro dessa linguagem visual, pois "enquanto a linguagem oral é acústica, vocal, temporal e linear, a linguagem de sinais é visual, gestual, simultânea e espacial" (Carreres, 2008, p. 47). Além disso, é evidente que, sendo crianças, além dos pais e de sua comunicação primária, as crianças buscam reaproximação com seus pares. Quando estão com outras crianças, elas se comunicarão por meio da brincadeira e da fantasia, mediada pelo contato visual, pelo toque e pela linguagem carregada de simbolismo próprio. A língua de sinais é, portanto, um benefício para toda a sociedade, e a existência de espaços bilíngues pode revelar as múltiplas habilidades das crianças, sendo a brincadeira uma ferramenta eficaz para estimular essas experiências.

Dessa forma, a criança aprende a atuar como "ser social" e cresce. Os grupos infantis são grupos de iniciação à vida através da experiência e do contato direto com o meio social em que vivem. Apesar de serem situações vivenciadas de forma elementar, elas antecipam e preparam as crianças, passando pelas diversas etapas culturais, para a vida adulta (Priore, 2004, p. 240).

A Língua de Sinais é a língua natural dos surdos, devido ao seu canal visual-gestual, o que favorece o desenvolvimento de diversos aspectos cognitivos, como memória, estruturação espaço-temporal, organização semântica, desenvolvimento genético do pensamento, entre outros, além de aspectos comunicativo-linguísticos e socioafetivos. Ao mesmo tempo, ela contribui positivamente para a aprendizagem da linguagem oral, servindo como base para a competência linguística nessa língua (García, 2007, p. 143).

Observa-se que, além dos parâmetros específicos da língua de sinais, a aprendizagem dessa língua também colabora de forma muito positiva em vários aspectos cognitivos. Essa fluidez na aprendizagem desenvolve a autoconfiança na infância, pois a criança tende a auto-analisar sua evolução na escola e a se comparar com colegas e familiares. O desenvolvimento de um autoconceito positivo também contribui para seu desempenho escolar, pois, ao chegar à adolescência, a criança toma consciência de mais elementos que a fazem se sentir "diferente" na sociedade (Lledo Carreres, 2008, p. 165). É necessário mostrar-lhes que existem adultos surdos em posições de liderança, com famílias e amigos, através de associações e outros ambientes importantes, e a escola deve ser esse espaço.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa doutoral sobre análise de materiais didáticos ilustrados e sua utilização em duas escolas, sendo uma soteropolitana (Salvador/Brasil) e a outra madrilenha (Madrid/Espanha). O objetivo é comparar os métodos de aprendizagem apresentados nos materiais didáticos brasileiros e espanhóis destinado ao ensino de línguas para crianças surdas em Salvador de Bahía (Brasil) e Madri (Espanha) e, futuramente, propor revisões em colaboração mútua. Para tanto, será necessário: 1) Realizar levantamento bibliográfico sobre a língua e cultura surda em Salvador e Madrid; 2) Dialogar sobre Educação Inclusiva, Arte e Aprendizagem Intercultural de Línguas; 3) Investigar a representação imagética da comunidade surda nos materiais didáticos; 4) Estudo sobre metodologias de aprendizagem de línguas para crianças surdas

Para a metodologia, a literatura de apoio inclui Minayo (1994), que enfatiza o contato por meio de atividades criativas, e Thompson (1998), que destaca a importância da aplicação de uma metodologia interpretativa, analisando as formas simbólicas como expressões culturais. Para compreender essas expressões culturais, esta pesquisa utiliza o método

etnográfico, um ramo da antropologia social no qual o pesquisador interage diretamente com os sujeitos ou comunidades estudadas para compreender sua cultura. Conhecer e se envolver em suas vidas é uma maneira de entender suas opiniões sobre os materiais didáticos e suas representações artísticas relacionadas ao aprendizado de idiomas.

Enquanto a revisão bibliográfica ainda estava em andamento, o contato com duas comunidades surdas (no Brasil e na Espanha) foi iniciado em duas escolas especializadas na educação de crianças surdas para a coleta de dados e posterior análise. No trabalho de campo, foram utilizadas técnicas como observação participante, notas de campo, diário de bordo, oficinas de desenho com as crianças e entrevistas semiestruturadas com professores, orientadores e psicólogas. Foi muito interessante vivenciar a realidade de escolas que valorizam a educação bilíngue de diversas formas.

O período de permanência em cada escola foi de aproximadamente três meses, e o tempo foi dividido entre: 1º mês: observação das aulas, fotografias dos materiais (livros e jogos) e dos ambientes coletivos, 2º mês: interação com as crianças, oficinas lúdicas de contação de histórias, desenho, excursões coletivas, 3º mês: entrevistas com professores, orientadores surdos e psicólogos, criação de materiais adaptados por meio da solicitação e colaboração entre a pesquisadora e equipe escolar. Essa divisão de etapas da coleta de dados foi muito relevante para aprofundar os conhecimentos prévios da pesquisadora e vivenciar na prática os pontos de vista das crianças e da equipe pedagógica que desenvolve a aprendizagem cotidianamente.

### **O papel da escola**

Para considerar o empoderamento das pessoas surdas, é necessário ver as pessoas surdas não apenas como deficientes, mas enfatizar que são uma comunidade linguística que partilha uma cultura única, tem orgulho da sua identidade e precisa de mudar o seu ambiente através de associações e movimentos sociais (Venteo e Fernández, 2004). Analisando esses discursos, pode-se entender que para uma educação inclusiva eficaz no que diz respeito à comunidade surda, a educação bilíngue é apenas um ponto de partida, pois deve-se levar em conta que dentro do currículo escolar também é necessário incluir conteúdos sobre surdos. Cultura e Identidade, Direitos da Comunidade Surda, Movimentos de Resistência e Políticas Públicas.

Para Skliar (1998), a educação bilíngue para surdos requer muito mais do que uma mudança na proposta pedagógica ou a inserção da língua de sinais sem uma política efetiva de “entrada” das questões culturais surdas no currículo escolar. O autor

defende a construção de uma ideologia, num fazer surdo, compondo uma nova arquitetura educativa. Assim, o sucesso ou fracasso dos programas educacionais das escolas bilíngues para surdos está diretamente vinculado ao tipo de serviço e política pública adotada (Morais e Martins, 2020, p. 3).

Dessa forma, compreende-se que para propor uma educação bilíngue eficiente, é preciso delinear quais serão as ideologias e métodos a serem compartilhados. Para isso, o currículo escolar deve incluir esses aspectos para valorizar a pessoa surda dentro da diversidade linguística de um país entre as demais línguas consideradas oficiais de uma nação (Venteo & Fernández, 2004). Assim, tanto a língua oral quanto a língua de sinais possuem grande valor quando se trata de educar pessoas surdas, mas muitas vezes os educadores acabam focando apenas em uma perspectiva de seu uso. Ao enfatizar apenas a função social da comunicação, perdemos de vista o facto de que a linguagem é também “um meio poderoso para estimular e desenvolver o pensamento, um veículo para imaginar e traduzir os nossos desejos em projectos e planos de acção, e uma ferramenta fundamental para tornar as pessoas assuntos culturais” (Acosta, 2006, p. 20).

Por isso é necessária a introdução da língua de sinais desde cedo nas escolas, seja em escola bilíngue específica para surdos ou para surdos e ouvintes, ressaltando que a linguagem tem essa função de mediar e potencializar o desenvolvimento humano. A princípio, a língua de sinais é aprendida por meio de gestos, mas é por meio de associações sintáticas e simbólicas, com conexões semânticas significativas, que os gestos se transformam em signos, articulando-se com os parâmetros da língua de sinais (Venteo & Fernández, 2004). Com a aprendizagem da língua de sinais, conseqüentemente, essas competências linguísticas podem promover o acesso da criança surda à linguagem escrita e oral da sociedade a que pertence.

Dessa forma, entende-se que as ferramentas utilizadas para a aquisição das línguas de sinais e orais também apresentarão variações nas relações lexicais, semânticas e sintáticas entre as línguas envolvidas. Essas percepções influenciam pontos importantes do currículo escolar, como métodos de alfabetização, adaptação de atividades, carga horária, formação de professores surdos e ouvintes, formação de professores mais velhos, mecanismos de inclusão e relações de poder entre professores ouvintes e conselheiros surdos. Porque segundo a militância do movimento surdo, cada dia mais e mais pessoas surdas estão adentrando ao Ensino Superior para sanar algumas lacunas observadas e segundo as autoras Moraes e Martins (2020) :

Seguindo esse caminho de garantia dos direitos dos surdos, tanto em relação ao acesso à sua língua e à educação, os líderes da comunidade surda, articulando-se

com pesquisadores da área, procuraram interferir nas políticas educacionais comprometidas com a educação, reivindicando leis que realmente priorizassem suas reais necessidades, pois apesar de a legislação brasileira ter cedido a algumas requisições dos surdos, muitos de seus direitos ainda não são devidamente respeitados. Entre as lutas previstas pelos movimentos surdos, como explanado no tópico anterior, a que mais se destaca é a defesa por escolas bilíngues (Morais e Martins, 2020, p. 13 e 14)

Dentre essas e muitas outras questões para verdadeiramente oferecer um ensino bilíngue, entende-se que quanto mais preparada a escola estiver para a diversidade “menor necessidade haverá de fazer adaptações individuais: intervenções especiais diferenciadas e singulares para um aluno” (Parrila, 2005, p. 126 apud Garcia, 2007, p. 51) Portanto, é necessário trabalhar os conteúdos dos diferentes grupos e culturas, pois assim como a nossa sociedade é plural, o modelo educacional a ser seguido deve ser fruto do diálogo de todos, reconhecendo os múltiplos saberes. Para expor esse conhecimento, também é importante implantar ferramentas e espaços para compartilhá-lo, pois só o livro e a sala de aula não serão mais suficientes. Outras formas de expressão como o audiovisual, o teatro, o lúdico e a interação e a criação das próprias crianças com esses materiais são muito pertinentes, pois “aprender brincando” através da ferramenta do brincar é uma ótima ferramenta para aprender, afinal, “o brinquedo é um objeto de diversão, de crescimento social e psicológico do ser humano, normalmente utilizado pelas crianças de forma individual ou coletiva” (SESC, 1983, p. 23).

Além das ferramentas pedagógicas, também é possível refletir sobre os espaços abertos, o pátio da escola, as rodas de conversa, os passeios e visitas de campo dentro da própria cidade, como visitar museus e associações de surdos, reconhecendo que é possível aprender em muitas formas e em muitos lugares quando entendemos que aprender não se trata apenas de obter boas notas, avaliações ou rankings nacionais, mas sim de uma formação social e individual como pessoa. Além do comprometimento escolar, também é necessário o apoio familiar, na condição na qual a família ajuda nas atividades e a educação é prazerosa e divertida, mantendo a criança interessada e dividindo a responsabilidade pela educação entre a escola, a família e a comunidade.

É necessário que as comunidades assegurem instrumentos adequados à organização de institutos e escolas adequadas à preparação de pessoal científico e especializado para a para diagnóstico, terapia, instrução cultural e profissional, instrução contínua, aplicação e uso de instrumentos acústicos e visuais e interpretação gestual. (CAMACHO, 1990, p. 153). Infelizmente, o surdo tem sido muitas vezes considerado uma pessoa incapaz, necessitada de cuidados especiais, quando são formas de subestimar a capacidade de pessoas que, pelas suas



diversas competências, devem ser tratadas como sujeitos, que podem e devem transitar o mundo. E para isso, na pós-modernidade, a equipe pedagógica, assim como os demais profissionais da comunicação, devem estar em constante processo de formação e aprendizagem em diálogo com os surdos.

### **Resultados e discussão**

É fascinante encontrar escolas que valorizam a educação bilíngue de diversas maneiras. Na escola de Madrid, os cartazes apresentam meninas e meninos com diferentes tons de pele, tipos de cabelo e deficiências. Ao longo dos corredores, há frases que buscam capacitar os alunos com mensagens sempre positivas sobre respeito ao próximo. A sinalização em ambas as escolas também chama atenção: na escola de Madrid, por exemplo, as placas exibem o nome escrito em espanhol e uma ilustração com a representação em língua de sinais, promovendo assim uma comunicação bilíngue. É importante verificar que se trata de uma escola inclusiva, portanto, estudam juntas crianças surdas e ouvintes e crianças de todas as classes, independentemente de serem surdos ou não, tem aulas de língua de sinais com vocabulário e conteúdo adaptados à sua idade. Essa é uma premissa para que possam interagir entre si, além de ser um ponto importante porque estão aprendendo uma língua que os treinará ao longo da vida.

Para ensinar crianças surdas, destaca-se a utilização de recursos visuais como ferramentas para favorecer a sua aprendizagem. Nesse sentido, são utilizados livros e jogos com muitas informações visuais como ilustrações e fotos com amplo uso de cores e formas. Nas imagens a seguir podemos constatar como a experiência visual faz parte do cotidiano para o ensino nas disciplinas de ciências naturais, matemática e espanhol/ língua de sinais espanhola.





Fonte: Acervo da autora



Fonte: Acervo da autora

Em Salvador da Bahia - Brasil, foi analisada uma escola bilíngue especializada apenas em alunos surdos que frequentam aulas regulares e outros que vêm apenas no período da tarde para aulas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Lá eles se destacaram por aprenderem lições escolares básicas de Libras (Língua Brasileira de Sinais), como cores, clima, alfabeto, números, saudações, partes do corpo e relações de proporção entre corpo e espaço. Nota-se como é interessante conhecer um espaço onde a Libras é a primeira língua.

Para trabalhar os conteúdos em classe, um dos métodos utilizados pela professora é apresentar o conteúdo textual, sejam eles histórias ou poesias, às crianças e juntos dialogarem sobre as diversas esferas do conhecimento que o envolvem para trabalhá-lo de forma interdisciplinar com as outras matérias. As crianças têm um caderno individual onde vão acrescentando as atividades desenvolvidas no semestre e é possível acompanhar suas

percepções sobre si mesmas no que tange ao entendimento sobre seu corpo, tamanhos, cores favoritas, colaborando para seu desenvolvimento como sujeito na sociedade.



Fonte: Acervo da autora

Na aprendizagem da comunidade surda é notória a necessidade dos jogos, dos quebra-cabeças visuais entre palavras e desenhos e todo tipo de interação lúdica para brincar com a visualização e associação com a escrita. Nos materiais brasileiros percebe-se uma atenção ao tom da pele e tipos de cabelo, além de por vezes deixar o desenho vazado para que seja completado pelo estudante. Essa observação é interessante para notar os diálogos que estão sendo abordados sobre a diversidade.

### Considerações Finais

Logo, mediante o estudo realizado, após um período de observação e interação com as crianças por meio de oficinas literárias com crianças e entrevistas com professores, verifica-se que é necessário aprofundar quais elementos gráficos, visuais e mistos são mais atrativos para a aprendizagem de crianças surdas. Validamos mais uma vez a importância das experiências visuais nos livros e jogos e como a criança aprende a se ver no processo, uma vez que conduz sua aprendizagem e se vê refletida nos materiais criados de maneira conjunta.

Um outro ponto importante a ser destacado é valorizar o trabalho criativo das docentes em confeccionar materiais personalizados a depender das necessidades específicas de cada

criança valorizando sempre a aprendizagem em sua língua materna, a língua de sinais. Conclui-se a importância de revisar e atualizar livros e materiais didáticos existentes e como os professores realizam um trabalho valioso na adaptação e criação de materiais específicos às necessidades estudantis.

### Referências

ACOSTA, V. **Surdez a partir da diversidade cultural e linguística**: construindo centros inclusivos na educação de alunos surdos. Barcelona: Masson, 2006.

BARBOSA, A.; CUNHA, F. **Abordagem Triangular no Ensino de Artes Visuais e Culturais**. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2010.

BENITO REY, Marisol. **Dois fenômenos que dificultam a interpretação em línguas de sinais**. In: Interações. Considerações sobre os estudos de tradução no par de línguas espanhol-alemão. Estudos em linguística romanche e comunicação intercultural. Frankfurt am Main, Berlim, Berna, Bruxelas, Nova York, Oxford, Viena: Peter Lang. Vol. 2005103. ISBN:9783631659755. 2022.

CAMACHO, R. **Conocer al niño sordo**. 3 ed. , Madrid: Cepe, D.L, 1990.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, n. 2, p. 51–69, 2014.

GARCÍA, C. **Análise da tese Inovar na educação infantil**: o espanhol e a língua de sinais espanhola coexistindo na escola. Alcalá: University of Alcalá, 2007.

HALL, A. **Fundamentos essenciais da ilustração**. Rio de Janeiro: Rosário, 2012.

LLEDÓ CARRERES, M. **Deficiência auditiva**: um modelo de educação inclusiva. Madri: Edebé, 2008.

MARTINEZ, N.; MAMPASO, A. **As oficinas de arteterapia são necessárias no contexto educacional?** Novas técnicas em oficinas de arteterapia. Educando com Arteterapia. São Paulo: Editora Acordar, 2011.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MORAIS, M.; MARTINS, V. Educação bilíngue inclusiva para surdos como espaço de resistência. **Revista Pro-Posições**, v. 31, p. e20180089, 2020.

PRIORE, M. **História das Crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SESC. **Brinquedos tradicionais brasileiros**. 1 ed. São Paulo: Editora SESC, 1983.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e Cultura moderna**. 2 ed, Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VAN DER LINDEN, S. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2011.